

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O GUERRILHEIRO HEROICO: O MITO CHE E A REVOLUÇÃO CUBANA¹

Andréa Mazurok Schactae,
Doutora em História, Docente do IFPR
aschactae@gmail.com

Resumo:

A historiografia sobre Revolução Cubana tende a reafirmar o espaço público como pertencente aos homens, especialmente aos heróis que representam um ideal de masculinidade viril. Entre os heróis da Revolução Cubana (1956-1959), que inspiraram a internacionalização de um ideal masculino revolucionário, na América Latina, está Ernesto Che Guevara. O nascimento do mito Che Guevara é parte da construção das narrativas sobre a Revolução Cubana. Após a sua morte, em 1967, ele foi constituído na encarnação do homem novo, revolucionário, viril, heterossexual, para além das fronteiras cubanas. Tendo-se isso em vista, o objetivo da pesquisa é analisar, a partir da categoria gênero (SCOTT, 1995), a construção do herói (HOBSBAWM, 1997; GIRARDET, 1987) Che por meio das fotografias publicadas na edição especial da revista Bohemia, de 20 outubro de 1967, dedicada a ele (SCHACTAE, 2019). Para este texto serão analisadas as imagens que reproduzem a fotografia produzida por Korda, entendida como fundadora da imagem do mito Che e sua face de Guerrilheiro Heroico, conforme construção do Estado Cubano.

Palavras-chave: masculinidade; mito Che; Revolução Cubana

INTRODUÇÃO

A Revolução Cubana, possibilita uma reflexão sobre o que Eric Hobsbawn (1997) define como a invenção das tradições. Um rápido olhar para a historiografia, permite perceber indícios do processo de invenção da baliza temporal que a define. Para Aviva Chomsky (2015) a Revolução Cubana começou em 1959 e segue até os dias atuais, seguindo de certa forma o discurso do Estado Cubano, que defende a continuidade da Revolução. Todavia, para outros historiadores a Revolução iniciou em 1953, com a ação no Quartel Moncada, em 26 de julho, porém suas origens estão no século XIX, nas guerras pela Independência de Cuba (AYERBE, 2004; LOPEZ; LOYOLA; SILVA, 2005; LOPEZ SEGRERA, 2012). Esse recorte temporal também é apresentado pelas narrativas oficiais da Revolução.

Entre as narrativas sobre a Revolução Cubana, que relacionam o acontecimento de meados do século XX como uma continuidade do processo de

¹ Esse texto está baseado no texto apresenta alguns resultados do projeto de pesquisa, Masculinidades, Feminilidades e Espaços Sociais, desenvolvido no IFPR, Campus Telêmaco Borba.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

independência de Cuba, no final do século XIX, está a interpretação dada por Florestan Fernandes (2012). Em sua obra, “Da Guerrilha ao Socialismo”, publicada pela primeira vez em 1979, o nacionalismo cubano é identificado como o resultado do processo de independência do país, o qual uniu diferentes grupos sociais, contra um inimigo comum. Portanto,

(...) o nacionalismo, (...) não cresceu a partir da dominação econômica, social e política dos estratos conservadores frequentemente aliados aos controles externos e à própria representação antinacionalista, mas da confluência de várias forças sociais divergentes, empenhadas na liberação nacional (...) ou nas lutas contra imperialismo e a dominação estadunidense. (FERNANDES, 2012, p. 90)

Sendo assim, o autor apresenta a independência como uma conquista do movimento de luta de guerrilheiros contra o imperialismo, bem como, a Revolução Cubana. Para o autor, a revolução é explicada pelo que ele identifica como “espírito guerrilheiro”, herdado do século XIX, pois:

(...) O 'espírito guerrilheiro' teria de inspirar um partido revolucionário criado depois da conquista do poder e, o que era mais complexo, deveria delimitar até onde chegaria a revolução cubana através do novo Estado, da nova sociedade e do novo homem. [E] (...) a atividade legislativa e executiva que o exército rebelde forjou construía o espírito revolucionário do guerrilheiro dentro da ação. (FERNANDES, 2012, p. 124; 129).

Ao se observar outras interpretações presente na historiografia (AYERBE, 2004; LOPEZ; LOYOLA; SILVA, 2005; LOPEZ SEGRERA, 2012) sobre o papel da guerrilha no processo, percebe-se uma tendência a reproduzir o discurso oficial, que coloca a guerrilha como o centro do processo, na década de 1950. Porém, as autoras Avivia Chomsky (2015) e Lorraine Volo (2018) indicam que o movimento urbano foi central para o processo oposição à ditadura de Fulgencio Batista (1952-1959). Lorraine Volo (2018) também indica a importância da atuação das mulheres nos movimentos urbanos, bem como, observa um silenciamento sobre esse fato na historiografia, a qual tende a destacar as mulheres que estiveram na *Sierra Maestra*. Em estudos realizados sobre as mulheres guerrilheiras cubanas, também observei uma tendência do Estado em narrar a participação das mulheres na guerrilha, legitimando um ideal de feminilidade viril (SCHACTAE, 2016).

Considerando essas diferentes leituras desse processo histórico, as quais indicam a possibilidade de problematizar a construção de uma memória sobre a Revolução Cubana ou as Revoluções Cubanas, voltaremos o olhar para o ato fundador do mito do herói

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

guerrilheiro, pelo Estado Cubano, em 1967. Entendo que esse processo é parte da invenção de uma das faces da Revolução Cubana, na qual se afirma o poder simbólico (BOURDIEU, 1998) do guerrilheiro e da guerrilha, e também é parte de reinvenção de uma representação da nação cubana, uma construção que ressignifica um ideal de virilidade e constrói um ideal de masculinidade.

A virilidade para George Vigarello, Alain Corbin, Jean-Jacques Courtine (2013) é um ideal, cujas qualidades que compõe o que é viril são reconstruídas ao longo do tempo. O ideal viril de uma sociedade militar é diferente de uma sociedade mercantil, porém são marcados por ideias de coragem, força e domínio sexual. Portanto, a virilidade é “o conjunto de papéis sociais e dos sistemas de representações que definem o masculino e também o feminino e não pode se reproduzir, enquanto tais, senão se a hegemonia virial aparecer como pertencente à ordem natural e inelutável das coisas” (COURTINE, 2013, p. 8).

Sendo assim, a construção do guerrilheiro, que é parte da invenção da Revolução Cubana ou de uma das Revoluções Cubanas, é também um processo de invenção de um ideal de virilidade, que tende a definir um ideal de masculinidade para além das fronteiras nacionais de Cuba. Um ideal que possui um núcleo identificador que é herdeiro de uma cultural Ocidental – força, coragem, bravura, abnegação, poder das armas, combate –, de longa duração, a qual tende a naturalizar a relação entre o poder do Estado e a virilidade.

Ao construir o guerrilheiro como um mito, vinculado a liberdade dos povos oprimidos, o Estado Cubano, constitui um ideal de masculinidade. O qual se estabelece como constituinte da identidade nacional cubana e de certa forma da esquerda latino-americana, na segunda metade do século XX.

Portanto, essa é uma reflexão sobre a invenção do guerrilheiro, do mito Che e da masculinidade revolucionária em Cuba, em 1967, a partir de uma narrativa biográfica (DOSSE, 2009; BOURDIEU, 1996), construída por textos e fotografias, a qual permite um diálogo com a história política (GIRARDT, 1987; HOBSBAWN, 1997; REMOND, 2003; SCOTT, 1994).

Voltando o olhar para a invenção dos Estados, percebe-se que o aparato simbólico construído pelos Estados e por suas instituições de poder tende a reafirmar o masculino viril como poder dominante na esfera pública. Os heróis e as instituições militares ganham destaque e são marcados por características identificadoras de uma masculinidade

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

hegemônica. Para Raewyn Connell (1997; 2005), a masculinidade hegemônica caracteriza-se pelas masculinidades militares, construídas ao longo do século XIX e do século XX, as quais orientam a edificação de ideais de hombridade nas sociedades ocidentais. Para pensar a construção dos heróis pela Revolução Cubana, o foco são as fotografias de Ernesto Che Guevara, divulgadas pelo Estado Cubano, na Revista Bohemia, publicada em 20 de outubro de 1967.

A Revista Bohemia – um periódico semanal que circulou pela primeira vez em 1908, em Cuba, e a partir de 1959 passou a compor os órgãos de comunicação do denominado Estado Revolucionário Cubano –, publicou uma edição especial em 20 de outubro de 1967, dedicada ao Che e essa edição é percebida como a origem do mito Che. Essa publicação é uma homenagem do Estado Cubano ao herói e pode ser identificada como a primeira biografia de Ernesto Che Guevara, sendo composta por vários textos, escritos por diferentes autores, entre os quais Fidel Castro, bem como, por um conjunto de fotografias.

A leitura e a análise das imagens fotográficas, publicadas entre textos, que constituem uma memória sobre o herói, permitem perceber o conjunto fotográfico como a construção de uma narrativa biográfica, que dialoga com os textos escritos, mas também pode ser lida como um texto constituído por imagens. Portanto, a inovação nesse artigo é a construção de uma reflexão sobre a invenção do mito, dialogando com a história política e os estudos de gênero, a partir da análise de um conjunto fotográfico, o qual é identificado como uma biografia fundadora. O resultado da narrativa, construída pelas fotografias, é o mito Che Guevara e a sua legitimação como herói nacional, em Cuba, e também em um herói transnacional.

Vale informar, que a inspiração para estudar o mito Che é o estudo de Peter Burke (2009) sobre a construção da imagem pública de Luís XIV (BURKE, 2009, p. 18). No caso do mito Che, a construção de uma narrativa biográfica, com fotografias e escritos, dá legitimidade ao mito. Porém, as fotografias são dispostas ao longo da revista, construindo uma narrativa independente dos escritos e vice-versa. E para pensar esse processo de invenção do mito a partir de fontes fotográficas, a inspiração está nas pesquisas de M. Stancik (2014; 2015).

Vale informar, que a edição, de outubro de 1967, possui 114 páginas, mais um suplemento com 17 páginas, totalizando assim 131 páginas, nas quais foram publicadas

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

70 fotografias de Ernesto Che Guevara e 41 fotografias sem a presença de Ernesto Che Guevara – entre essas estão 19 fotografias que se referem a dois fatos: o momento que Fidel informa ao povo cubano sobre morte de Che Guevara e a cerimônia fúnebre organizada pelo Estado Cubano na *Plaza de la Revolución*. Sobre a forma do periódico se destaca que com exceção da capa, que é colorida, todas as demais páginas são em tons de preto e branco. Os textos são com letras pequenas, equivalentes a fonte *times new roman*, tamanho 09 ou 10. O que chama atenção do leitor são os títulos das matérias, com letras grandes, e as imagens (fotografias), que a parecem em diferentes tamanhos ao longo do periódico. Para esse texto, foram selecionadas cinco (05) fotografias.

O MITO CHE NA BOHEMIA DE 1967: PRIMEIRO OLHAR

Voltar o olhar para as fotografias, publicadas na Revista Bohemia, é problematizar um contexto que envolve a morte de Ernesto Che Guevara e um processo de afirmação do Estado Revolucionário, em Cuba, com a criação de diversas instituições entre os anos de 1960 e 1975. Ao mesmo tempo que se constituíram as bases administrativas pelo poder estabelecido foi inventado um calendário de comemorações. Nesse contexto o Estado constitui uma narrativa sobre uma História da Revolução, sendo definidos os heróis e as heroínas, bem como os acontecimentos e as memórias que passaram a dar sentido para essa narrativa. Também se define uma projeção internacional da Revolução e Ernesto Che Guevara, foi constituído em um herói internacionalista.

A projeção internacional de Ernesto Che Guevara começa com a vitória do movimento que se identifica como revolucionário, no ano de 1959. E se intensifica com o processo de reorganização do Estado, com a implantação de diversas políticas, entre as quais nacionalização de empresas estrangeiras, reforma agrária, alfabetização, tribunais revolucionários (nesses tribunais foram julgados aqueles identificados como opositores ao regime que se estabelecia, como resultado muitos foram condenados ao fuzilamento) (PRADO, 2016; VASCONCELOS, 2015; CHOMSKY, 2015; LOPEZ; LOYOLA; SILVA, 2005; AYERBE, 2004).

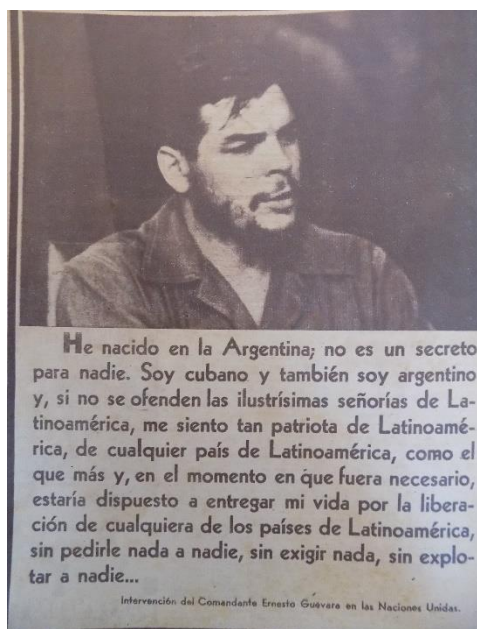
Para Angelo Attanasio e Kako Abraham (2017) foram dez viagens que transformaram o Ernesto Guevara em Che Guevara. Portanto, as viagens, as publicações, sua atuação no Estado Cubano e a sua morte, em combate na Bolívia, o tornam uma personalidade Latino-americana. E a construção dessa internacionalização também é

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

legitimada pela produção acadêmica da Cátedra Ernesto Che Guevara, da Universidade de Havana, criada em 1995, e por outros espaços de produção do conhecimento, conforme indica Manuel Verdecia Tamayo (2018). Porém, ainda falta um estudo sobre o mito Che Guevara, em uma perspectiva de gênero. Um estudo especialmente importante, devido a projeção internacional da sua imagem.

Essa característica internacionalista, construída em torno do mito Che Guevara, foi projetada na última página da Bohemia, de 1967, reafirmando a narrativa do artigo com o título: “*Che, Niñez, adolescencia, juventude*” (BOHEMIA, 1967, p. 70-77), que compõe a edição. Porém, esse artigo, escrito por Fulvio Fuentes e Aldo Isidron, possui imagens que aparecem em outra matéria publicada na mesma revista, no ano de 1961 (CONSTENLA, 1961), a qual o apresenta como um herói da Revolução e destaca suas viagens pela América Latina. Sendo assim, já em 1961, ele é apresentado como um homem predestinado a conhecer a América Latina e se tornar um libertador. Essa ideia aparece novamente em 1967, conforme afirma o texto: “*el Che, castigado por el asma y el mareo, parte a enfrentar su luminoso destino de libertador*” (BOHEMIA, 1967, p. 77). Portanto, a última página da revista, projeta o herói como protetor da América Latina. O trecho do discurso, pronunciado por Che Guevara na ONU, colocado junto com a sua fotografia, também contribui para legitimar a característica do herói abnegado, disposto a doar a vida em defesa das nações. Uma narrativa que projeta o mito político para além das fronteiras de Cuba, constituindo o mito do herói salvador e um modelo a ser seguido.

Figura 1- Che Guevara na ONU



ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Fonte: BOHEMIA, 20 out. 1967, p.114

O mito político é constituído dentro de um contexto social e ao mesmo tempo que o constitui, portanto, orienta a constituição de uma identidade coletiva (GIRARDT, 1987, p. 185-186). A invenção do mito Che Guevara é também um processo de reconstrução da identidade nacional e da construção do socialismo em Cuba. O mito se constitui na encarnação do homem novo, internacionalista, heterossexual e viril. Para Abel Sierra Madero (2006, p. 200) o *hombre nuevo*, de Ernesto Guevara, estabelece, em 1965, uma nova cidadania, marcada por um ideal de masculinidade. Todavia, em 1967 inicia-se um processo de projeção de ideal de masculinidade e de socialismo para além das fronteiras de Cuba, e a última imagem da Revista Bohemia, de 20 outubro de 1967, indica essa estratégia, ao publicar um fragmento da fala de Ernesto na ONU, junto com o seu retrato (Figura 1).

A imagem e a fala de Ernesto Che Guevara, a última página da Bohemia, legitimam construção do herói e do mito, bem como projetam a Revolução Cubana, para além das fronteiras de Cuba. A fotografia de retrato, é uma estratégia que unificam a imagem e texto. Com o retratado olhado para frente e com os lábios entre abertos, o herói é apresentado como se estivesse novamente falando para o povo. É a encarnação do herói guia, aquele que consegue observar o futuro e portando deve ser ouvido. Além do mais, conforme destaca R. Hertz (1980), em seu texto publicado em 1911, ao longo dos séculos, a cabeça é percebida como a parte superior do corpo, portanto é o lugar de poder, símbolo de honra e nobreza. Essa herança cultural de longa duração está presente na escolha de fotografias de retratos, como imagens que constituem o herói guia e salvador. Um herói cujos os pensamentos e os conhecimentos foram compartilhados em suas falas e escritos. Dessa forma, o destaque para os retratos, legitima o poder simbólico do guia, a cabeça, que fala e olha para o passado e para o futuro.

Vale lembrar, que as experiências vividas por Ernesto Guevara, antes de tornar-se Ernesto Che, fortalecem o caráter internacionalista da Revolução Cubana. Portanto, observaremos que a Revista Bohemia, de outubro de 1967, selecionou algumas experiências vividas por Ernesto e por Che Guevara, para marcarem o processo de morte do homem real e nascimento do mito. E essa seleção legitima a transformação do homem em um símbolo da esquerda, bem como em um ideal de masculinidade viril em Cuba e na América Latina.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A trajetória e a morte do Ernesto Che Guevara, permitem a construção desse núcleo, definidor do mito. A sua participação na luta armada em Cuba, a sua atuação como agente do Estado Cubano, a sua morte no espaço da luta armada, na Bolívia, as cerimônias em sua homenagem, realizadas pelo Estado Cubano, a projeção da sua imagem de guerrilheiro nacional e internacional, estão presentes nas fotografias. A narrativa que se projeta é de um homem que luta pela liberdade do povo oprimido e morre lutando pelo povo, na América Latina. Portanto, as experiências do homem Ernesto constituem os elementos necessários para a invenção do herói e de um modelo masculinidade viril. Em seu discurso, em 1967, Fidel Castro afirmou:

Si queremos expresar cómo queremos que sean los hombres de futuras generaciones, debemos decir: ¡que sean como el Che! Si queremos decir cómo deseamos que se eduquen nuestros niños, debemos decir sin vacilación: ¡queremos que se eduquen en el espíritu del Che! (...) Si queremos expresar cómo deseamos que sean nuestros hijos, debemos decir con todo el corazón de vehementes revolucionarios: ¡queremos que sean como el Che! Che se ha convertido en un modelo de hombre no solo para nuestro pueblo, sino para cualquier pueblo de América Latina, Che llevó a su más alta expresión el estoicismo revolucionario, el espíritu de sacrificio revolucionario, la combatividad del revolucionario, (...). (BOHEMIA, 20 out. 1967, sup.04)

O discurso de Fidel Castro, consolidou o mito como modelo e exemplo, estabelecendo um ideal de masculinidade como referência para o socialismo cubano. Observando a revista de 1967, se percebe a relação entre os textos escritos e os textos fotográficos, para construção do herói – no entanto o espaço de um artigo não permite analisar essa relação de forma densa. Todavia, considerando leitor, em 1967, seu olhar provavelmente foi atraído pelas fotografias. E elas constroem uma narrativa que pode ser lida, independente das matérias, pois os títulos das matérias e as legendas, constroem o mito e tornam o herói um modelo. As fotografias são apresentadas como uma objetivação da trajetória do Che Guevara, portanto, são percebidas pelos leitores como representações de uma realidade, são provas de uma verdade. Conforme destaca B. Kossoy (2001), a fotografia tem a pretensão de provar a verdade sobre o passado.

Nesse processo de construção do mito, destaca-se a fotografia que foi produzida no dia 5 de março de 1960, por Alberto Díaz Gutiérrez, conhecido como Alberto Korda², fotógrafo da Revolução Cubana e vinculado ao periódico do Movimento 26 de Julho,

² Nas referências ao longo do texto será utilizado o nome Alberto Korda, para identificar Alberto Díaz Gutiérrez.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Revolución. Segundo relatos de Korda (ELIZUNDIA, 2005), publicados em um livro³, a foto foi produzida na cerimônia fúnebre das vítimas do “*Barco La Coubre*”, na esquina de 12 com 23 no bairro de Vedado, em Habana. A presença de Ernesto Che Guevara, no palanque montado no local, era percebida em segundo plano e estava praticamente oculto, mas por alguns segundos ele veio para frente, segundo Korda, e foi tempo suficiente para duas fotos. No dia seguinte uma das fotos foi encaminhada para o periódico *Revolución*, porém ela não foi escolhida pelos editores, para compor a matéria sobre o evento do dia anterior (ELIZUNDIA, 2005).

Depois de sete anos, em 1967, o fotógrafo presenteou um editor italiano com essa foto, que havia ficado no silêncio, das gavetas e arquivos, desde 1960 (DOMINGUES, 2008, p.71-72; ELIZUNDIA, 2005, p. 166). Foi a primeira vez que essa foto se tornou pública, sendo publicada em Milão, segundo os relatos de Korda (ELIZUNDIA, 2005), uma semana antes de se tornar pública na *Plaza de la Revolución*, em Cuba. No discurso fúnebre da morte de Ernesto Che Guevara, proferido por Fidel Castro, no dia 18 de outubro de 1967, ela figurou em tamanho gigante no edifício do Ministério do Interior, onde hoje se encontra a imagem de Che em metal. Célia Sanchez foi quem escolheu a foto e idealizou a exposição da reprodução gigante (Figura 2), para ser colocada na praça, dias antes da cerimônia (ELIZUNDIA, 2005, p. 166-167). A primeira vez que essa foto foi publicada em Cuba, provavelmente foi na Revista Bohemia, de 20 de outubro daquele ano. Vale destacar, que segundo o fotógrafo, o Che nunca viu a imagem que se tornou a representação do mito Che, no Ocidente e em outras partes do mundo. Uma imagem que circula em muitos objetos, mas também foi usada na década de 1990, em um perfume chamado Che Guevara, em uma marca de fósforo, em uma marca de vodka e por propagandas de uma igreja cristã europeia (ELIZUNDIA, 2005, p. 169).

A revista, as imagens na cerimônia da *Praza da Revolución*, os painéis com fotos e frases de Ernesto Che Guevara, colocadas em La Havana, marcam o estabelecimento dessa fotografia como a representação do herói Che e a face mais conhecida do mito. As outras fotos que compõem os painéis publicitários (Che no trabalho manual, Che na ONU, Che fumando um charuto) compõem a ideia do homem trabalhador, internacionalista e viril, pois o charuto, a vestimenta e a barba são símbolos da virilidade do guerrilheiro.

³ A entrevista com Korda foi realizada em 1999 e foi publicada em 2005, após a morte do fotógrafo, fato ocorrido em 25 de março de 2001 (ELIZUNDIA, 2005).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Vermos que essa construção narrativa se repete em outras fotografias presentes na revista, construindo uma narrativa biográfica, a partir da disposição das fotografias, entre as quais um número significativo de retratos.

Figura 2 – Che na Plaza de la Revolución



Fonte: BOHEMIA, 20, out. 1967, p. 55



Fonte: BOHEMIA, 20, out. 1967, p.53

A foto de Alberto Korda, é retrato do herói guia e salvador. Representa o herói que olha para o futuro, mas que conhece o passado da luta revolucionária, assim como é legitimadora da virilidade do guerrilheiro. O retrato do herói guia e salvador, é constituído pelo olhar, daquele que viveu as vitórias do passado e vê o futuro. A boina e a barba, que se constituem em símbolos da virilidade e do poder do guerrilheiro. E as fotografias da exposição do retrato na cerimônia (Figura 2), apresentam o herói com a bandeira de Cuba e presença de Fidel Castro, também usando farda e barba. Essa construção simbólica, legitima uma narrativa biográfica que colocam Cuba e Fidel Castro, como partes significativas da trajetória do Che.

Com o passar do tempo, essa fotografia passou a representar a encarnação do mito Che Guevara. Um guerrilheiro encarnado em uma fotografia, construída no acaso, constitui o núcleo dos símbolos da virilidade do cubano revolucionário (barba, vestes de guerreiro e morte em batalha).

A biografia, construída pelas fotografias, é uma narrativa que se propõem construir um sentido para a existência para o fotografado, apropriando-se de P. Bourdieu (1996), o qual destaca que uma narrativa biográfica estabelece uma sequência de acontecimentos coerentes. (BOURDIEU, 1996, p. 75) Portanto, “tudo leva a supor que a história de vida mais se aproxima do modelo oficial da apresentação oficial de si” (BOURDIEU, 1996, p. 80). Sendo assim, a construção de uma trajetória está relacionada às relações nas quais o agente se vincula a outros agentes. É necessário observar o que está em jogo na construção da narrativa. No caso em análise, o que está em jogo é a

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

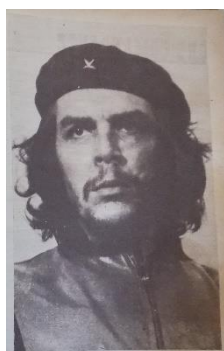
construção de um herói e de um mito, símbolo para uma Revolução Cubana, que busca legitimidade.

Ao se construir uma biografia oficial, o Estado Cubano utiliza as fotografias como instrumentos de legitimação da narrativa escrita, ao mesmo tempo que estabelece uma narrativa através das imagens. Portanto, são duas narrativas biográficas, publicadas em 1967, uma escrita e outra fotográfica, as quais se complementam, mas também permite ao leitor perceber uma narrativa somente observando as fotografias. E as fotografias são apresentadas como uma volta ao passado. Assim, o texto constituído pelo conjunto fotográfico tende a ser percebido como mais legítimo que o texto escrito. Um fragmento do passado está congelado na fotografia, talvez essa seja a percepção do leitor, em 1967.

O herói narrado pelas fotografias tente sempre que possível, ser apresentado com um olhar para frente, para o futuro, nunca para a lente do fotógrafo (Figura 2). Portanto, são legitimadoras e construtoras do herói, pois a fotografia serve como uma ligação entre passado, presente e futuro, ao se tornarem parte da transformação do homem em mito. O fotografado é constituído em um símbolo da Revolução e um ideal de masculinidade, que incorpora várias faces.

Ao longo da narrativa são apresentadas várias faces do herói: o guerrilheiro/libertador, o jovem Che, o político, o leitor, o trabalhador, o esposo, o pai, o amigo de Fidel, o escritor, o jogador de xadrez, porém em todas essas faces, com exceção das imagens que se referem ao período que era Ernesto Guevara, ao se tornar o Che, as suas imagens são usando a farda verde oliva, mesmo no espaço familiar.

Figura 3 – Retratos



Fonte: BOHEMIA, 20 out. 1967, suplemento p. 15; 17

Portanto, a construção da narrativa é a construção do mito guerrilheiro. O homem viril, que morreu lutando com armas e na guerra em defesa de uma ideia de liberdade, o

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

qual mesmo nas vivências das relações pessoais estava vestido para a guerra e, portanto, disposto a morrer pelos ideais revolucionários, é projetado nas fotografias, que constituem uma legitimidade para as qualidades identificadoras do herói como a bravura, a abnegação, a sensibilidade e a virilidade. Essa construção é narrada nas 64 fotografias de Ernesto Che Guevara, ao longo da revista, que mostram ele principalmente como guerrilheiro, mas um guerrilheiro que é: esposo, filho, pai, amigo, político, intelectual, etc. A morte é percebida como um ato de vitória, pois a honra no herói está em morrer na guerra. E a frase que identifica o mito – “*hasta la victoria siempre*” (BOHEMIA, 20 out.1967) –, aparece na primeira página da revista, na qual foi publicada a sua carta de despedida de 1965, junto com a sua assinatura, e também com as imagens dele na guerra.

A projeção da vitória da Revolução Cubana, encarnada no mito Che, construído pela Revista Bohemia é marcada pela virilidade, pelas vestimentas militares, pelas armas, pela escrita, pelo trabalho intelectual e manual. O mito construído apresenta uma narrativa de um herói salvador, mas também serve para reafirma as práticas que são parte do projeto de Estado em construção em Cuba, nos anos de 1960. E ao construir uma narrativa biográfica sobre Ernesto Che Guevara, o Estado inventa o guerrilheiro heroico.

O herói que unifica as representações do combatente viril, do intelectual e do internacionalista, unindo necessidades políticas do Estado Cubano, dos anos de 1960, com uma herança cultural generificada, herdada de uma tradição de longa duração – coragem, bravura, força, conhecimento, armas e farda são identificadores de masculinidade e virilidade. Três características que constituem o Che – guerreiro, intelectual e internacionalista –, são uma herança dos heróis da Independência, do final do século XIX, as quais não estavam unificadas em uma só pessoa, e sim divididas nas figuras dos Maceos, os guerreiros, e de Martí, o intelectual e o internacionalista. O Estado Cubano, na segunda metade do século XX, articula essas heranças na construção do novo herói cubano e latino-americano, símbolo que levou a Revolução para além das fronteiras de Cuba, ressignificando a ideia martiniana da “*Nuestra America*”, presente em texto publicado em 1891 (MARTI, 1983). O poder simbólico do mito ressignifica os símbolos do passado e assim constitui um novo símbolo, o guerrilheiro heroico, o qual de certa forma expressa o contexto latino-americano dos anos de 1960.

Portanto, a herança internacionalista – vinda do projeto de América de José Martí, nas lutas pela Independência de Cuba e da influência dos Estados Unidos na América

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Latina do século XIX – e a virilidade formam o núcleo central da construção do mito Che Guevara. A frase, de José Martí, na segunda página da revista *Bohemia*, em outubro de 1967, “*Es la hora de los hornos y no se ha de ver mas que la luz*” (BOHEMIA, 1967, p. 4), pode ser compreendida como a revelação do herói guia para a liberdade, na segunda metade do século XX. Por coincidência, em 14 de junho de 1845, nasceu em Cuba José Antonio de la Caridad Maceo y Grajales, que se tornou herói da Independência, e no mesmo dia, porém em 1928, nasceu na Argentina outro humano, que em 1967 se tornou a encarnação de uma das faces da Revolução Cubana. A partir de uma herança do passado – símbolos, mitos, fotografias –, o Estado Revolucionário transformou o homem Ernesto Guevara em texto e imagem, inventando o mito Che Guevara. O guerrilheiro com barba, vestindo uniforme verde, com fuzil e fumando um charuto cubano, é a encarnação da virilidade revolucionária e uma identificação do Estado Cubano Revolucionário.

REFERÊNCIAS

ATTANASIO, Angelo; ABRAHAM, Kako. **Los dies viajes que lo convirtieron Ernesto Guevara en el Che**. BBC, 09 de outubro de 2017. Disponível em: https://www.bbc.com/mundo/resources/idt-sh/che_guevara_viajes_mundo. Acesso em: 10 jun. 2020.

AYERBE, Luis Fernando. **A Revolução Cubana**. São Paulo, UNESP, 2004.

BELL, José; LÓPEZ, Delia Luisa; CARAM, Tania (org.). **Documentos de la Revolución Cubana – 1960**. La Habana, Editorial de Ciencias Sociales, 2007.

BOHEMIA. **Bohemia**, 12 ene., año 60, n. 2, 1968. Arquivo da Digital Library of the Caribbean. Disponível em: <https://www.dloc.com/dloc1>. Acesso em: maio 2020.

BOHEMIA. **Bohemia**, 20 de out., año 59, n. 42, 1967.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas, SP: Papirus, 1996.

BURKE, Peter. **A fabricação do rei: a construção da imagem pública de Luís XIV**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CASTRO, F. Discurso, 18 de outubro de 1967. **Bohemia**, 20 de outubro, año 59, n. 42, 1967.

CHOMSKY, Aviva. **História da Revolução Cubana**. São Paulo: Veneta, 2015.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

CONNELL, R. W. La organización social de la masculinidad. In: VALDÉS, T.; OLAVARRÍA, J. (eds). **Masculidad/es: Poder y Crisis**. Santiago, Chile: Ediciones de las mujeres, n.º 24, 1997, p. 31-48. Disponível em: http://www.pasa.cl/biblioteca/La_Organizacion_Social_de_la_Masculinidad_Connel_Robert.pdf. Acesso em: 15 jan. 2009.

CONNELL, R. W. Políticas da masculinidade. **Educação e realidade**, vol. 20 n.º 2, p. 185-206, 2005.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Hegemonic masculinity: rethinking the concept. **Gender & Society**, vol.19, 2005. Disponível em: <http://gas.sagepub.com>. Acesso em: 27 maio de 2009.

CONSTENLA, Julia. Cuando Ernesto Guevara aun no era el Che. **Bohemia**, 27 ago. año 53, n. 35, 1961. Arquivo da Digital Library of the Caribbean. Disponível em: <https://www.dloc.com/dloc1>. Acesso em: maio 2020.

COURTINE, Jean-Jacques. Impossível virilidade. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História da Virilidade – A virilidade em crise? Séculos XX-XXI*. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 07- 12, 2013.

DOMINGUES, Juan de M. **Che Guevara: a mídia como potencializadora do mito**. Dissertação de Mestrado em Comunicação Social, PUC Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

ELIZUMDIA, Alicia. La foto que ha recorrido el mundo. In: _____. **Bajo la piel del Che**. La Habana: Pablo de la Torriente Editorial, p. 164-170, 2005.

FERNANDES, Florestan. **Da guerrilha ao socialismo: a Revolução Cubana**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e Mitologias políticas**. Companhia das Letras, SP. 1987.

HERTZ, R. A preeminência da mão direita: um estudo sobre a polaridade religiosa. **Revista Religião e Sociedade**, v. 6, p. 99-128, 1980.

HOBBSAWM, Eric. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1997.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LOPEZ SEGRERA, Francisco. **A Revolução Cubana: propostas, cenários e alternativas**. Maringá: EDUEM, 2012.

LOPEZ, Francisca; LOYOLA, Oscar; SILVA, Arnaldo. **Cuba y su história**. La Habana; Editorial Felix Varela, 2005.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história – interfaces. **Tempo**, vol. 1, n. 2, p.73-98, 1996.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

MOREIRA, R.; SCHACTAE, A.; SOTO, I. Sónõra. Entre guerrilleras, soldados y policias: lo femenino en instituciones armadas de Cuba y de Brasil. In: MARTINS; A.; GUEVARA, M. **Políticas de Gênero na América Latina: aproximações, diálogos e desafios**, Jundiaí: Paco Editorial, p. 141-170, 2015.

MARTÍ, José. **Nossa América**. Tradução: Maria Angélica de Almeida Triber. São Paulo: HUCITEC, 1983.

PRADO, Giliard da Silva. O tribunal revolucionário como tribuna política em Cuba: uma análise dos casos “Marquitos” e “Ordoqui”. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, nº. 21, p. 04-33, Jul./Dez., 2016. Disponível em: <http://revista.anphlac.org.br>

REMOND, Rene. **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SCHACTAE, A. A construção do herói Che e as masculinidades em Cuba: construindo um objeto de pesquisa. In: GUILHERME, W. (org.) **Desafios e soluções da sociologia**, Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. Disponível em: www.atenaeditora.com.br

SCHACTAE, Andréa M. “Mulheres guerreiras”: mulheres na guerrilha cubana e a construção da heroína Célia Sanchez. In: MOREIRA, Rosemeri; SCHACTAE, Andréa M. (org.). **Gênero e instituições armadas**. Guarapuava/PR: UNICENTRO, 2016, p. 189-215.

SCOTT, Joan W. Prefácio a gender and politics of history. **Cadernos Pagu**, n. 3, p. 11-27, 1994.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise história. **Educação e Realidade**, n. 20, vol. 2, p. 71-99, 1995.

SIERRA MADERO, Abel. **Del otro lado del espejo**. La sexualidad en la construcción de la nación cubana. La Habana: Editorial Casa de las Américas, 2006.

STANCIK, Marco A. Gloriosa conquista ou cruel destruição? A Grande Guerra (1914-1918) representada em cartões-postais alemães e franceses. **Temporalidades**, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 49-62, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades>

VOLO, Lorraine B. **Women and the cuban insurreiction**: how gender shaped Castro’s victory. New York: Cambridge University Press, 2018.